

## Setor Externo

HÉLIO NOGUEIRA DA CRUZ (\*)

Estamos vivendo um período de desdobramentos da crise de 2008/2009, ou seja, trata-se de nova fase do mesmo ciclo econômico dos anos recentes. As medidas anticíclicas de ampliação dos gastos públicos que vêm ocorrendo há vários meses têm ampliado as dificuldades de financiamento dos déficits de várias economias, ao mesmo tempo que permanecem inalteradas as políticas de manutenção de baixa taxa de juros e de promoção de esforços para regular o setor financeiro. Note-se que a recuperação do emprego, o crescimento do PIB e do comércio internacional mundiais ocorrem de forma assimétrica entre as várias economias. A Ásia, em particular a China, mostra forte vitalidade; os Estados Unidos devem apresentar crescimento satisfatório – 1,3% segundo a OCDE – e a Europa 1,2%, segundo a mesma fonte, em 2010. As economias emergentes como um todo devem apresentar crescimento superior ao dos Estados Unidos. Provavelmente o PIB mundial crescerá em 2010. As principais dificuldades encontram-se na área do euro, que já apresentava sinais de dificuldades estruturais, mesmo antes da crise, que se refletia na queda do PIB de várias economias como a da Espanha. A assimetria

também se manifesta entre setores econômicos, que apresentam diferentes graus de volatilidade. O comércio mundial, que apresentou queda de 10,7% em 2009, recuperou-se neste ano.

No caso do Brasil, a economia vem apresentando crescimento elevado do PIB nos últimos meses, decorrente, em boa medida, da expansão dos gastos públicos e do crédito abundante, principalmente para o setor imobiliário. A recente elevação da Selic repete as várias tentativas do passado de conter a demanda agregada através da política monetária e nos mantém com as taxas de juros reais entre as mais elevadas do planeta. Ademais, neste ano, o calendário político apresenta-se sobrecarregado, com eleições presidenciais, dos executivos estaduais, de senadores e de deputados, o que torna o cenário mais instável e dificulta a realização de investimentos mais ambiciosos, assim como limita a capacidade de implementar políticas mais agudas para lidar com a questão fiscal, tais como as medidas das áreas previdenciária e fiscal. O alto crescimento econômico está praticamente confirmado neste ano, mas sua sustentabilidade está longe de ser garantida no futuro.

No que se refere ao setor externo, no mês de maio, a exportação alcançou US\$ 17,702 bilhões, valor bastante expressivo, com crescimento de 11,2% da média diária em relação a abril e 40,7% acima do mesmo mês de 2009. As importações foram de US\$ 14,259 bilhões, com crescimento de 45,1% em relação a igual período de 2009 e retrocesso de 2,1% pela média diária.

O superávit comercial do mês apresentou o valor de US\$ 3,433 bilhões, com crescimento de 31,3% quando comparado com maio de 2009. No acumulado de janeiro a maio/2010, as exportações foram de US\$ 72,093 bilhões. Em relação a igual período de 2009, as exportações apresentaram crescimento de 28,7%. As importações acumuladas foram de US\$ 66,476 bilhões, com crescimento de 42,5% sobre o mesmo período. Como consequência destes valores, o superávit comercial acumulado no ano foi de US\$ 5,617 bilhões, valor 39,6% inferior ao registrado em períodos equivalentes em 2009. O superávit comercial em 12 meses acumula o valor de US\$ 21,596 bilhões, valor 16,0% abaixo do período anterior. Note-se que as exportações brasi-

leiras recuaram 22,7% em 2009 e as importações (FOB) 26,2%.

Neste ano, as exportações dos produtos básicos cresceram 36,0%, os semimanufaturados 35,8% e os manufaturados 19,4% em relação a igual período de 2009. A China passou a ser o principal destino de nossas exportações. No caso das importações, ocorreu o crescimento de 64,7% de combustíveis e lubrificantes, 47,2% dos bens de consumo, de 46,5% de matérias-primas e intermediários e 21,5% de bens de capital. A China apresentou-se com o maior crescimento (52,7%) como fornecedor de nossas importações, ocupando o segundo lugar após os Estados Unidos. A ameaça do crescimento das exportações chinesas para todas as economias está muito intensa.

A evolução dos superávits comerciais, que permaneceram na ordem de US\$ 40 bilhões entre 2005 e 2007 e reduziu-se para US\$ 25 bilhões em 2008 e 2009, deve apresentar valores inferiores em 2010, mesmo com os favoráveis preços das commodities. A adoção de forte política de apoio às exportações deve ser implementada, utilizando-se dos vários mecanismos disponíveis, sem descuidar da taxa de câmbio, que permanece valorizada.

A instabilidade do crescimento dos agregados macroeconômicos do Brasil, que dependem principalmente dos investimentos, das políticas públicas e do cenário internacional, coloca questões árduas para o próximo governo. Exige-se posicionamento estratégico e não apenas tático para que uma trajetória

de expansão sustentável possa ser construída. A geração de empregos, a estabilidade monetária e a crescente inserção internacional são objetivos permanentes do País.

*(\*) Professor da FEA-USP.  
(E-mail: hncruz@usp.br).*

*Os artigos da seção Análise de Conjuntura foram escritos em 16/06/2010.*